

# POLÍTICA

## Mais uma façanha de Sarney

Carlos Eduardo Novaes

Quem leu a notícia nos jornais — uma informação fria — deve estar pensando que Sarney subiu àquela rampa na terça-feira com a mesma naturalidade com que mudava de partido. Só Deus sabe o quanto custou a este imortal contido, reprimido, super-hipertenso pisar com seus sapatos civis neste símbolo do poder militar.

Sarney, ao ser comunicado da necessidade de subir a rampa, viveu cinco dias — desde sexta passada — à base de calmantes. Por todas essas noites mal dormidas sonhou com ladeiras, tobogãs e planos inclinados. No domingo, teve que ser acordado pela mulher no meio da madrugada: Sarney rolava na cama de um lado para o outro. Sonhara que estava despencando rampa abaixo. Sentou-se na cama:

— Você acha que vou conseguir? — perguntou à mulher.

— Claro, Zezinho. Você já conseguiu tantas coisas que lhe pareciam impossíveis.

Sarney, um homem culto, sempre se prepara para suas circunstâncias. Foi assim ao ser escolhido para vice. Leu tudo sobre a vida de Truman e Mondale. Mais tarde, na Presidência, fez da Constituição seu livro de cabeceira. Mas onde encontrar livros que falem tudo sobre rampas? Nem nos Estados Unidos, nem na Inglaterra, nem na França, os presidentes sobem rampas. Por que não há uma rampa na Casa Branca? Os americanos já teriam uma vasta literatura a respeito explicando como subi-la, descê-la, para que lado olhar, onde botar as mãos, qual a inclinação do corpo.

Sarney ainda pensou em telefonar para algum ex-presidente da República. Medici? está adoentado. Geisel não fala sobre seus tempos de Planalto, e Figueiredo certamente baterá com o telefone na sua cara. Lembrou-se de Jânio Quadros. Desistiu, porém, quando seu secretário informou que aquela tradicional foto de Jânio, todo torto, com os pés para dentro, foi tirada no momento em que ele ia subir a rampa.

Sem ter fontes de consulta, Sarney passou toda a noite de segunda-feira ensaiando, com a ajuda da família, no terreno atrás do Jaburu.

— Marly, fica aqui ao meu lado. Finge que você é o Bayma Denys. Roseana, minha filha, fique aqui do outro lado. Você é o José Hugo.

Roseana tinha mais o que fazer. Não queria participar do ensaio.

— Seja boa menina, Roseana. Você não quer que seu pai faça feio naquela rampa, quer? — Ele gritou para dentro da casa: "Mãe! Pode botar o disco!"

Sarney pediu que as duas ficassem atentas porque, tão logo terminasse o Hino Nacional, eles iniciariam a caminhada pela rampa. O hino acabou, D. Marly e a filha saíram caminhando, mas Sarney permaneceu parado. Que foi Zezinho?

— Não sei. Alguma coisa me prendeu — Sarney passou a mão na testa suada — foi como se meus sapatos estivessem colados no chão.

A filha sugeriu um novo ensaio. Os três retomaram as posições, e Sarney gritou novamente para a mãe colocar o disco. O hino acabou, as duas saíram andando, e Sarney continuou imóvel. Parecia um cavalo de corridas refugando no partidor. Que houve agora, Zezinho?

— Não sei se dou o primeiro passo com o pé direito ou o esquerdo.

Tudo em Sarney, na presidência, transmite opressão, peso e uma intensa dramaticidade. Subir uma rampa vira quase que uma façanha de Hércules. D. Marly procurava incentivar o marido.

— Vamos tentar mais uma vez.

Sarney, que estava sentado, abatido, num banquinho, levantou-se e se alinhou com mulher e filha diante da suposta rampa. Gritou mais uma vez para dentro da casa:

— Mãe! Bota o disco!

Nada. Roseane tornou a gritar:

— Vô! Bota o disco!

Nada. D. Marly observou que já eram duas da matina. Sua mãe não é uma "disc-jockey". Zezinho vai ver, pegou no sono. Sarney foi até a janela, esticou o braço e acordou D. Kiola, que roncava na poltrona.

— Só mais essa vez, mãe. Colabora com seu filho.

— Ahn?? Uhn?

— Espera até eu dar o aviso.

Os três se alinharam. Sarney, então, berrou para que a mãe colocasse o disco. Uns 30 segundos e explodiu o som do "Tico-tico no Fubá". O ensaio foi interrompido: a mãe do presidente tinha dormido em cima do disco do hino.

Sarney atravessou a noite de segunda para terça-feira em claro. Passou horas contando ladeirinhas, mas não houve jeito de pegar no sono. Levantou-se cedo, tomou seu tradicional café da manhã, misturando melancia com jerimum e macaxeira. Bayma Denys e José Hugo vieram buscá-lo. Sarney beijou a mulher:

— Deseje-me sorte, Marly.

— Não precisa, Zezinho. Você já tem demais.

Sarney perfilou-se ao lado de Bayma e José Hugo, ouvindo a banda dos Dragões da Independência executar o Hino Nacional. Ao terminar, Bayma cochichou discreto no ouvido de Sarney:

— Agora, presidente! Vamos!

Sarney, um feixe de nervos, balançou hesitante, mas não saiu do lugar. José Hugo cochichou do outro lado:

— Agora não dá mais pra recuar. Levante a perna direita e avance firme!

— Mas... ela não obedece ao meu comando — resmungou Sarney.

— Dá um jeito — voltou José Hugo — se ela não obedece o seu comando, que é o presidente da República, vai obedecer ao de quem? Tente levantar a esquerda então...

— Tá difícil.

Bayma já estava se sentindo desconfortável com aquela gente toda olhando:

— Faça um esforço. O senhor não pode subir a rampa aos pulos. Como um saci...

Sarney teve vontade de sair correndo e desaparecer. Desde 15 de março, esta era a 58ª vez que ele sentia impulsos de sair correndo. Afinal, depois de uma luta titânica contra as pernas, Sarney saiu caminhando. Atrás de uma pilastra, D. Marly, a velha mãe e a filha se abraçaram felizes:

— Ele conseguiu... Ele conseguiu!